

“O BRASIL ACIMA DE TUDO, DEUS ACIMA DE TODOS”: IGREJA, POLÍTICA E GLOBALIZAÇÃO¹

Fábio de Sousa Neto²

RESUMO

O presente trabalho parte da constatação de que a linguagem religiosa seria explorada no plano político-partidário. Ao contrário da afirmação popular, religião e política se discutem! Melhor, muito embora sejam esferas distintas, regidas por *leis* próprias, não são mutuamente excludentes. Logo, o objetivo dessas linhas seria demonstrar que os motivos ou convicções da fé cristã podem orientar as ações políticas e que elas não são reduzidas à política partidária, ou às instâncias decisórias como o parlamento. O lugar de fala neste artigo situa-se entre a teologia e a história, portanto, apropria-se dos conceitos produzidos pelas ciências humanas, articuladas ao pensamento cristão para tentar provocar alguns questionamentos nesses tempos em que o parlamento se torna caixa de ressonância de convicções religiosas marcadas pelo pluralismo, algo ainda mais evidente nos termos da denominada globalização. Afirma-se aqui, na esteira do teólogo Miroslav Volf, que uma resposta possível seria que a Igreja de Cristo fora chamada para servir. Esse serviço é motivado por ações que visam o bem viver, onde o trabalho cristão ou suas ações políticas quando direcionadas à família, à comunidade ou à sociedade como um todo, também o é em relação ao próprio Deus.

Palavras-chave: Globalização. Fé cristã. Ações políticas. Serviço cristão.

ABSTRACT

The present work starts from the observation that the religious language would be explored at the party political level. Contrary to popular assertion, religion and politics are discussed! Better, although they are distinct spheres, governed by their own laws, they are not mutually exclusive. Therefore, the objective of these lines would be to demonstrate that the motives or convictions of the Christian faith can guide political actions and that they are not reduced to party politics, or to decision-making bodies such as parliament. The place of speech in this article is situated between theology and history, therefore, it appropriates the concepts produced by human sciences, linked to Christian thought in order to try to provoke some questions in these times when parliament becomes a resonance box of convictions religious marked by pluralism, something even more evident in terms of the so-called globalization. It is stated here, in the wake of the theologian Miroslav Volf, that a possible answer would be that the Church of Christ was called to serve. This service is motivated by actions that aim to live well, where Christian work or its political actions when directed at the family, the community or society as a whole, is also in relation to God himself

Keywords: Globalization. Christian faith. Political actions. Christian service.

¹ Este artigo foi produzido a partir de palestra realizada durante a V Jornada Teológica da Faculdade Assembleiana do Brasil (FASSEB), em maio de 2019.

² Historiador e especialista em Teologia Sistemática (FASSEB/GO). Discente do Programa de Pós-graduação *Strictu Sensu* (Mestrado) em História da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Professor universitário. E-mail: fabionetohistoria@gmail.com.

INTRODUÇÃO

“Ainda que o resultado não corresponda a nosso desejo, o trabalho não está perdido quando o dia de hoje supera o de ontem.”

(João Calvino)

Com o título “O Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”³ introduz-se aqui parte de alguns problemas que desafiam essas reflexões e as experiências cristãs no século XXI. Sobretudo, ao se verificar os usos da linguagem religiosa em campanha política recente em um cenário nacional marcado pelo pluralismo religioso e intensa polarização. Inicialmente será abordado um pouco sobre o conceito de globalização e os desafios que se engendram no seio das comunidades cristãs nesse período da história recente brasileira.

Reconhece-se, portanto, os desafios em se debruçar sobre o tema, contudo, ao contrário do dito popular, religião e política se discutem! Principalmente, ao reconhecer a presença de linguagem religiosa nos espaços públicos levando a interrogar sobre os reais comprometimentos desses religiosos, no caso, cristãos, com sua fé em atuação nesses espaços de poder.

Portanto, a fim de compreender parte da complexidade desses tempos, sobretudo, a partir do fenômeno da globalização e os consequente desafios postos à igreja, de imediato apresenta-se o seguinte problema: qual a melhor resposta da igreja às sociedades humanas nesses tempos caracterizados pelo fenômeno da globalização? Sustenta-se que em tempos de polarizações políticas e ideológicas, a resposta mais contundente e significativa da igreja à complexa trama que envolve as sociedades contemporâneas, seria o serviço cristão visando o bem comum e, consequentemente, à glória de Deus.

Tal hipótese será apresentada com mais detalhes articulando algumas produções significativas numa perspectiva interdisciplinar, com aportes da Antropologia, Sociologia, História Cultural, Teologia Sistemática e da Teologia Pública. A proposta interdisciplinar vem

³Jargão da campanha de Jair Bolsonaro à presidência da República do Brasil em 2018. Conforme a *Folha de São Paulo*, o slogan foi inspirado em um grupo nacionalista de paraquedistas militares no final da década de 1960 após o AI – 5. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/slogan-de-bolsonaro-foi-inspirado-em-brado-de-paraquedistas-militares.shtml>>. Acesso em: 9 maio 2019.

somar na possibilidade em construir o objeto de forma mais abrangente, uma tentativa coerente com a principal proposta a ser sustentada nas linhas que se seguem.

No primeiro momento, serão abordadas certas especificidades da presente época sob o fenômeno da globalização; o passo seguinte consistirá na exploração desse contexto sob a perspectiva da fé cristã, situando a igreja dentro dos desafios próprios de seu tempo e sugerindo uma resposta possível a esses mesmos desafios.

1 A GRANDE ALDEIA GLOBAL

Ao falar de globalização, não faltam aqueles teóricos da conspiração para quem o fenômeno nada mais é que uma tentativa de manipulação das massas levada às últimas consequências pela Rede Globo de Televisão. Ironia à parte, o fenômeno teria uma relação com as comunicações ou rede de comunicações que, de certa forma, tornaram o mundo menor.

Do ponto de vista da história, a globalização seria um dos muitos fenômenos que impactaram as sociedades humanas ao longo de sua trajetória: da construção da roda passando pela invenção da escrita à ciência moderna. Dito isso, a palavra-chave nesses contextos seria “transformação”, contudo, na contemporaneidade essas mudanças estão (hiper) aceleradas, dando a impressão que, quando se começa a entender o mundo ao redor, ele escapa, deslizando estranhamente para outro lugar.

Como dizia Marc Augé (1994, p. 29), “[...] estamos com a história em nossos calcanhares. Ela nos segue como nossa sombra, como a morte”. Isso, de fato, constitui um problema para o pesquisador. Veja o exemplo: há algum tempo falava-se das representações da história, ou do passado mais remoto com certa nostalgia, como na peça fílmica *Meia Noite em Paris* (2011) de Woody Allen (1935 -). Agora, ninguém rememora a mesma coisa em relação a obsolescência do *Orkut* que já é passado.

O conceito de globalização diz respeito a tudo isso e muito mais. Desde a “aldeia global”, de Marshall McLuhan (1911-1980), a ideia que se tem é de interconexões em todas as esferas, na economia de mercado, interações sociais e culturais em escala global subsidiadas pelas tecnologias da informação e comunicação.

Nesse aspecto, o mundo se torna uma aldeia, onde tudo estaria mais próximo em um tipo de vizinhança virtualmente reconhecida entre o global e o local. Certamente, alguns níveis de interações sempre existiram, em menor ou maior escala no mundo desde a

antiguidade; no plano Ocidental, o Mediterrâneo era a ponte entre as culturas, onde os fluxos de bens e serviços eram distribuídos numa rede relativamente eficiente naquela temporalidade. Nos canais disponíveis, e aproveitando os meios culturais de comunicação, a fé cristã logo se espalhou por grande parte do mundo conhecido.

Aliás, McLuhan, ao utilizar o termo “aldeia global” em sua *Galáxia de Gutenberg* (1977), analisa os efeitos de, pelo menos, duas grandes invenções, a tipografia e o telégrafo e seus consequentes desdobramentos. A primeira, permite o surgimento de alguns fenômenos impactantes como o Estado-nação, tendo como pano de fundo as línguas vernáculas utilizadas em termos de uniformização ou padronização cultural, o que, ao mesmo tempo, permitiu o surgimento do individualismo.

As últimas invenções mudam o cenário. Se sob a tipografia há uma reunião do Estado-nação, agora, as fronteiras desse Estado são rompidas pelas ondas de rádio, pela virtualidade, cujo efeito imediato seria o oposto do ocorrido na galáxia de Gutenberg. Agora, o que se percebe, é uma aldeia global, onde:

as descobertas eletromagnéticas recriaram o ‘campo’ simultâneo de todos os negócios humanos, de modo que a família humana existe agora sob as condições de uma ‘aldeia global’. Vivemos num único espaço compacto e restrito em que ressoam os tambores da tribo. E isto, em tal grau, que a preocupação pelo ‘primitivo’ é hoje em dia tão banal quanto a do século dezenove pelo ‘progresso’ e igualmente irrelevante para nossos problemas (MCLUHAN, 1977, p. 58).

Muito embora McLuhan, em razão de sua temporalidade, desconhecesse os efeitos do ciberespaço, algo mais recente pode fornecer uma imagem mais nítida acerca dos efeitos dessas novas interações. Trata-se do exemplo da intitulada Primavera Árabe (2010-2011). O elemento desencadeador se prende a um jovem que, na praça *Tahir*, na Tunísia, lança fogo ao próprio corpo em protesto ou desespero por ter seu carrinho de frutas apreendido pelas autoridades locais. O presidente tunisiano, aparentemente para tirar vantagem, vai ao hospital e publica uma imagem com *Mohamed Bouazizi* que tinha 90% do corpo queimado.

O ato seguinte ganha efeitos inesperados, pois o gesto do governante provoca uma série de protestos do norte da África ao Oriente Médio que, por meio da Internet, promove uma mobilização de milhares de jovens que levaram certa convulsão social ao mundo árabe. Em tempo real, o local tornou-se global, em toda parte cada “tribo” acompanhou o desdobramento desses eventos, algo que o tempo provou ser apenas uma ilusão, pois a reação

conservadora silenciou rapidamente aquelas vozes ressonantes do *Facebook*. No entanto, o que se evidenciou foi:

O descontentamento de grande parte da população frente à submissão ao regime autoritário desses países já era grande, mas as manifestações públicas intensificaram-se a partir da difusão de informações através de mensagens entre aparelhos móveis e de redes sociais, tais como facebook, twitter e blog, conduzidos por cidadãos comuns (VIEIRA, 2013, p.3).

As potencialidades dessas interconexões revelam, também, as complexidades de nosso tempo, que se traduzem na dificuldade de compreensão desse mundo em constante transformação. Em razão disso, talvez o conceito de Zygmunt Bauman (1925-2017) sobre a “Modernidade Líquida” (2001) fosse uma melhor opção à pouco explorada e confusa pós-modernidade, lembrando que “O que está acontecendo hoje é, por assim dizer, uma redistribuição e realocação dos ‘poderes de derretimento’ da modernidade” (BAUMAN, 2001, p. 13).

Aliás, nesse tempo dito, pós-tudo, algo que não desapareceu no horizonte das sociedades humanas fora a religião. Há algum tempo, pensadores da secularização brandiam suas ferramentas teóricas discutindo o “desencantamento do mundo” (WEBER, 2004, p. 106), o mundo secularizado – que nada mais era senão ausência ou perda de sentido da religião em um mundo regido pela racionalidade. Esse mundo desencantado seria resultante de um rompimento processual e histórico rastreado por Weber (2004) em linha de continuidade perpassando a Reforma Protestante e se dirigindo à tempos ainda mais recuados, pois:

teve início com as profecias do judaísmo antigo e, em conjunto com o pensamento científico helênico, repudiava como superstição e sacrilégio todos os meios mágicos de busca da salvação, encontrou aqui sua conclusão. O puritano genuíno ia ao ponto de condenar até mesmo todo vestígio de cerimônias religiosas fúnebres e enterrava os seus sem canto nem música, só para não dar trela ao aparecimento da *superstition*, isto é, da confiança em efeitos salvíficos à maneira mágico-sacramental (WEBER, 2004, p. 96).

Nesse sentido, talvez, o conceito de pós-modernidade ganhe um reforço nos termos de certa desconfiança da razão que, numa acepção teológica, talvez aponte para os motivos profundos de o homem e mulher serem o que são – *homo religiosus*, criados à imagem de Deus. Esses motivos são o centro de sua espiritualidade ou da vida religiosa, o coração que se inclina para a construção de ídolos ou se volta para Deus.

Essa antítese do coração se manifestaria em todas as esferas da vida. Em nosso mundo, dito secularizado, pululam outras formas de espiritualidades, não necessariamente

relacionadas àquilo que poderíamos denominar de “religião positivada”, ou seja, experiências religiosas advindas da codificação ou sistematização das crenças.

De outro modo, na contramão da dita secularização, verifica-se a multiplicação de crenças que outrora eram consideradas mortas, ou que apenas povoavam o imaginário alimentado pela literatura maravilhosa. Talvez, o exemplo mais emblemático seja o crescimento do culto *wicca*, em grande medida alimentado pelo imaginário reproduzido pelo cinema e a literatura, sobretudo, popularizados pela internet, pois, “[...] assim como nos EUA, a proliferação de conteúdo neopagão na internet contribuiu para a divulgação e crescimento de adeptos wiccanos” (BEZERRA, 2012, p. 41).

Resta ainda a confirmação da antropologia que entende a humanidade como dotada de interioridades, algo que causaria uma descontinuidade natural entre humanos e demais seres vivos. Sobre isso fala o antropólogo Philippe Descola (2015), ao abordar a ontologia naturalista, uma vez que:

O naturalismo inverte a premissa ontológica do animismo, uma vez que ao invés de afirmar uma única identidade para alma e uma diferenciação dos corpos, baseia-se na descontinuidade das interioridades e continuidade material. O que, para nós, distingue humanos de não-humanos é a mente, a alma, subjetividade, a consciência moral, linguagem e por aí vai, do mesmo modo que grupos humanos se distinguem por conjuntos de disposições internas que se costumava chamar *Volksgeist*, mas que hoje nos é mais familiar sob o rótulo moderno de ‘cultura’ (DESCOLA, 2015, p. 21).

Dessa forma, enquanto a antropologia admite, em sua perspectiva naturalista, que haveria uma descontinuidade radical entre os humanos dotados de interioridade ou subjetividade em relação aos demais seres vivos, demarca assim um abismo ontológico verificado nessa relação. Logo, não haveria como negar que o mundo contemporâneo parece encontrar-se encantado e religioso, encontrando o lugar da cultura como sua expressão mais evidente e não apenas sob a manifestação das religiões positivadas.

Com outra linguagem, Abraham Kuyper (1837 – 1920), Herman Bavinck (1854-1921) e a grande tradição alinhada ao neocalvinismo holandês, a exemplo do próprio Francis Schaeffer, entendem que a humanidade faz cultura como resultado da operação da graça comum, possível apenas àqueles seres criados à imagem de Deus, aliás, uma referência à Hoekema (1999, p. 222), onde “[...] por causa da graça comum e por causa do refreamento do pecado efetuado por essa graça, são possíveis a civilização e a cultura”.

Portanto, cultura seria “uma sombra da habilidade divina” (KUYPER, 2018, p, 148), algo que se pode aproximar da concepção antropológica posta por Descola, pois a possibilidade de fazer cultura seria uma habilidade humana transcendental. Assumindo então o campo da cultura como expressão dessa transcendência humana (mas, não só), e que conforme já anunciou Schaeffer, “todas as pessoas têm seus pressupostos e elas vão viver do modo mais coerente possível com esses pressupostos, mais até do que elas mesmas possam se dar conta” (SCHAEFFER, 2013, p. 7), assim é que, nesse ponto, surge então alguns problemas relacionados aos encontros e desencontros entre as experiências religiosas em um mundo, agora, globalizado.

2 FÉ E POLÍTICA EM UM MUNDO GLOBALIZADO

Anthony Giddens (1938 -) escreveu, no final da década de 1990, quase em tom profético: “O século XXI será o campo de batalha em que o fundamentalismo irá se defrontar com a tolerância cosmopolita” (2006, p. 18). O exemplo disso, em contexto nacional brasileiro, são as tensões que se engendram sob a administração do atual governo e os usos constantes de linguagem religiosa que alimenta a luta por adesões à eleição e manutenção do governo do atual governo.

É a partir desse problema que o teólogo Croata, Miroslav Volf (2018), apresenta a discussão entre religião e globalização, constatando o óbvio que: “[...] no mundo globalizado de hoje, não é possível isolar as religiões em áreas geográficas definidas” (VOLF, 2018, p. 9); o desdobramento disso, seria que, cada indivíduo ou grupo passa a reivindicar ou atuar na esfera política a partir das referências de seu sistema religioso ou de suas crenças, insinuando o perigo daquilo que Volf (2018, p. 10) denomina de “Totalitarismo religioso”.

Para encontrar uma resposta à essa tendência atual, o professor da Universidade de Yale, H. Richard Niebuhr (1894-1962), destacou cinco modos em que os cristãos relacionam fé e cultura: “Cristo contra a cultura; o Cristo da cultura; Cristo acima da Cultura; Cristo e cultura em paradoxo; e Cristo transformando a cultura” (VOLF, 2018, p. 15). Para ele, não haveria um único modo nessa relação, pois ela seria demasiadamente complexa, mas oferece uma resposta razoável; a visão da fé em relação à cultura, deveria ser definida pelo cerne da própria fé, ou seja, em nossa relação com Cristo, enquanto Verbo e Cordeiro de Deus.

Não se pretende levantar o estado da arte; contudo, registra-se que Nancy Pearcey (1952-), em *Verdade absoluta* (2006), também abordou a questão anunciando que o

Cristianismo só poderia ser liberto de seu cativo cultural quando a verdade total do evangelho fosse defendida. Um outro nome importante seria, Donald A. Carson (1946), que em seu livro *Cristo e Cultura: uma releitura* (2012), produz uma resposta abrangente aos pontos elencados por Niebuhr, sustentando que a compreensão da cosmovisão cristã em relação ao amplo espectro da cultura depende, em última instância, da observação do enredo e das categorias bíblicas tomadas de modo simultâneas.

Por fim, essa relação também é discutida por Abraham Kuyper em *Sabedoria e Prodígios: graça comum na ciência e na arte* (2018), onde a cultura é concebida como resultado primeiro das inerentes capacidades humanas que, por sua vez, depreendem da *Imago Dei* e da Graça Comum. Isso encontra ecos também em Calvino, ao declarar: “[...] não nego que sejam dons de Deus todas as qualidades que se veem nos infieis [...] são dons de Deus essas virtudes ou, melhor dizendo, essas sombras de virtudes; pois não existe coisa alguma digna de ser louvada que não proceda de Deus” (CALVINO, 2009, p. 232).

Retomando Volf (2018), a fé deveria ser atuante em todas as esferas da vida – educação, artes, comércio, política, comunicação, entretenimento, etc. Entretanto, ela não deve ser coercitiva, mas expressar, sobretudo, a graça divina. Logo, a fé cristã se expressaria no cuidado com os outros, onde o trabalho cumpre vários objetivos: o bem-estar pessoal, da família e da sociedade.

No passo seguinte, o trabalho do cristão orienta-se em direção ao próprio Deus, recuperando a imagem bíblica onde a humanidade é apresentada como cuidadora de seu jardim, agindo no mundo como testemunhas de Cristo, como cooperadores do próprio Deus. Além disso, haveria um sentimento de completude alcançado por meio do trabalho, por meio do qual a humanidade também transcende, pois:

A melancolia inevitavelmente se instala quando nos esquecemos de que somos feitos para encontrar satisfação no Deus infinito, e não em qualquer objeto finito. Ela também se instala se trabalharmos só para nós mesmos e não vímos nosso trabalho como um serviço para uma comunidade e como parte do contínuo engajamento de Deus com a criação (VOLF, 2018, p. 47).

Dito isso, sustenta-se nessas linhas parte de que foi proposto pelo teólogo Croata, principalmente a afirmação de que o serviço cristão seria essencial como um modo de ser e estar no mundo enquanto Igreja de Cristo. Para efeito de ilustração, apresentam-se aqui dois registros importantes sobre as posturas políticas de alguns cristãos ou grupos religiosos; um

caso que fora objeto de estudo no final da década de 1970 e outro citado pelo hebraísta Luiz Sayão, em palestra recente.

O primeiro caso é, particularmente interessante, tendo em vista os contextos nacionais. Trata-se do trabalho pioneiro de Regina Novaes, *Os escolhidos de Deus: pentecostais, trabalhadores e cidadania* (1979). Em seu estudo de campo onde se debruçou sobre uma comunidade pentecostal no Pernambuco, a autora chegou à conclusão de que a conversão à fé cristã não alterou as posturas políticas daquela comunidade.

No geral, continuaram a reproduzir as relações de barganhas com os políticos tradicionais da região, pois trocavam os votos por cobertores, por uma vaga no serviço público, por inúmeros benefícios pessoais; a única coisa que os definiam enquanto “escolhidos de Deus” seria a postura estritamente comportamental, onde o crente em eventos realizados pelos candidatos nos comícios, não entravam no frevo, “[...] pois desse divertimento, o crente não deve participar” (NOVAES, 1985, p. 128).

Um outro exemplo que pode parecer trivial é, na verdade, carregado de significados. Foi apresentada, recentemente, pelo professor Luiz Sayão em evento no Seminário Presbiteriano Brasil Central, em Goiânia, uma narrativa no mínimo interessante. Segundo ele, uma comunidade cristã em uma cidade movimentada pela indústria automobilística na Alemanha iniciou suas atividades num café (lancheonete); de repente, construiu um hotel e lá se instalou hospedando turistas, homens e mulheres de negócio. A medida em que tais serviços eram prestados, reuniam em culto e evangelizavam.

Os dois exemplos colocam em evidência o valor do testemunho e do serviço cristão, seja naquelas comunidades interioranas e simples do Nordeste brasileiro, na década de 1970 ou, nesses tempos tão acelerados e mesmo nesses espaços considerados por Marc Augé como (des) identitários, os “não-lugares” (AUGÉ, p. 73), no caso, o café ou um hotel na atual Alemanha.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A constatação óbvia de usos recorrentes da linguagem religiosa em campanha política recente levou à problematização aqui posta. Com o título e subtítulo “O Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”: Igreja, Política e Globalização, procurou-se abordar alguns desafios postos à igreja contemporânea, sobretudo, ao identificar as complexidades de um mundo globalizado onde os compromissos religiosos insinuam cada vez mais evidentes.

Além disso, foi possível perceber que os pressupostos de cada indivíduo orientam suas ações, mesmo que de forma não intencional. Com a antropologia de Phillippe Descola, ficou manifesto que haveria uma distância radical entre a humanidade e demais seres vivos, sobretudo, reconhecido nas capacidades humanas para produzir cultura. À essas constatações, pode-se aproximar as reflexões teológicas da tradição holandesa, onde as capacidades criativas dão o tom de uma antropologia genuinamente cristã, evidenciando as potencialidades humanas possibilitadas pela *Imago dei* e pela Graça Comum.

Nesse sentido, esses tempos caracterizados pelo fenômeno da globalização são especialmente importantes, pois além de explicitar as potencialidades humanas, revelam, ao mesmo tempo, seus pressupostos e compromissos religiosos expressos sobretudo nos espaços públicos. Nesse ponto, outros problemas desafiaram este trabalho, principalmente na constatação da necessidade de ser uma igreja relevante em tempos caracterizados pelo pluralismo religioso. Diante disso, procurou-se aqui, atender a seguinte questão: qual a melhor resposta da igreja às sociedades humanas nesses tempos caracterizados pelo fenômeno da globalização?

Evidentemente, foram elencadas algumas possibilidades a partir das reflexões de Niebuhr sobre os diversos modos de se entender a relação do cristão com a cultura, algo tangenciado de forma bastante sólida, entre outros, por D. A. Carson, Francis Schaeffer, Nancy Pearcey e Miroslav Volf.

Sendo assim, entende-se que, em tempos de polarizações políticas e ideológicas, a resposta mais contundente e significativa da igreja à complexa trama que envolve as sociedades contemporâneas, seria o serviço cristão visando o bem comum e, conseqüentemente, a glória de Deus. Essa seria uma premissa muito cara ao teólogo de Yale, algo que se mostrou satisfatoriamente relevante em face aos desafios que fazem frente à igreja cristã contemporânea.

Não se discutiu aqui outras propostas de Volf, como a defesa do “pluralismo político religioso” (VOLF, 2018, p. 11), mas, sobretudo, uma resposta bíblica, percebida no trabalho cristão. Portanto, o trabalho direcionado à família, à comunidade e à sociedade como um todo, encontra níveis de satisfação progressiva, descobrindo sua culminância no próprio Deus. Essa seria uma resposta satisfatória por parte da igreja às tensões evidenciadas nesses tempos tão polarizados e desafiadores. Como concluiu Paulo de Tarso em seu discurso aos anciãos de Éfeso e Mileto: “Tenho-vos mostrado em tudo que, trabalhando assim, é necessário auxiliar

os enfermos, e recordar as palavras do Senhor Jesus, que disse: Mais bem-aventurada coisa é dar do que receber” (At, 20.35).

REFERÊNCIAS

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. São Paulo: Papirus, 1994.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BEZERRA, Karina Oliveira. **A wicca no Brasil**: adesão e permanência dos adeptos na região metropolitana do Recife. 2012. 167 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Universidade Católica do Pernambuco, Recife, 2012.

BÍBLIA SAGRADA. Português. Versão Almeida Corrigida Fiel. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana, 1994.

CALVINO, João. **A instituição da religião cristã**. Tomo II, Livros III e IV. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

CARSON. D.A. **Cristo e cultura**: uma releitura. São Paulo: Vida Nova, 2012.

DESCOLA, Philippe. Além de natureza e cultura. **Tessituras**, Pelotas, v. 3, n. 1, p. 7-33, jan./jun. 2015.

GIDDENS, Anthony. **O mundo na era da Gglobalização**. Lisboa: Editorial Presença, 2006.

HOEKEMA, Anthony. **Criados à imagem de Deus**. São Paulo: Cultura Cristã, 1999.

KUYPER, Abraham. **Sabedoria e Prodigios**. Brasília: Editora Monergismo, 2018.

MACLUHAN, Marshall. **A galáxia de Gutenberg**: a formação do homem tipográfico. São Paulo: Editora Nacional, Editora da USP, 1972.

NIEBUHR, Richard. **Cristo e cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

NOVAES, R. C. R. **Os escolhidos de Deus**: pentecostais, trabalhadores e cidadania. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1985.

PEARCEY, Nancy. **Verdade absoluta**: libertando o Cristianismo de seu cativo cultural. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

SCHAEFFER, A. Francis. **Como viveremos?** São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2013.

VIEIRA, Vivian Patrícia Peron. **O papel da comunicação digital na Primavera Árabe**: apropriação e mobilização social. Universidade Federal do Paraná, V Congresso da Compólitica, Paraná, 2013, 23f.

VOLF, Miroslav. **Uma fé pública**: como o cristão pode contribuir para o bem comum. São Paulo: Mundo Cristão, 2018.

WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.